

A música como estratégia de intervenção pedagógica

Marcia Amaral*, Irene Cortesão Costa**

Resumo

Defende-se como necessário valorizar a profissão docente uma vez que esta é “uma profissão exigente em relação à qualidade do seu desempenho” e “que assume a responsabilidade de dar rosto ao futuro” (Baptista, 2005, p. 113)

O trabalho que aqui se apresenta é o resultado de uma investigação com a duração de dois anos (no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico) onde se pretendeu compreender o papel da música enquanto instrumento de intervenção educativa na valência de Educação Pré-Escolar.

Os conceitos fundamentais para esta discussão situam-se na área da educação, da música e na música aliada ao processo de ensino e aprendizagem.

Quanto às opções metodológicas, recorreu-se a um estudo de caso longitudinal. As técnicas de recolha de dados foram, na sua generalidade, estruturadas, não documentais e de observação direta participante, assim como se recorreu a técnicas documentais.

Sublinha-se a importância da mudança nas salas de atividades e de aulas da atualidade, e defende-se que a música pode ser olhada com maior interesse. Ensinar através da música poderá apresentar-se como veículo de transformação, de construção de sentidos, de aprendizagens com significado, prazer e que certamente influenciarão a aprendizagem das crianças, independentemente da sua faixa etária.

Palavras-chave: Educação; música; educação pré-escolar; educação pela música

Abstract

We believe it is necessary to value the teaching profession once it is "a demanding profession in relation to the quality of its performance" and "which assumes the responsibility of giving face to the future" (Baptista, 2005: 113)

The work presented here is the result of a two-year research (within the master's degree in pre-school education and teaching of the first cycle of basic education) where we tried to understand the role of music as an instrument of educational intervention in f Pre-School Education context.

The fundamental concepts for this discussion are in the area of education, music and music allied to teaching and learning process.

As for the methodological options, we choose to do a longitudinal case study. Data collection techniques were generally structured, non-documentary and direct participant observation, as well documentary techniques.

* Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico – Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. (marcia_sofia30@hotmail.com))

** Professora adjunta da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti (irenecortesao@esepef.pt)

We emphasize the importance of change in today's activities and classrooms where music can be looked with greater interest. Teaching through music can be presented as a transformation vehicle, the building of senses, of learning with meaning, pleasure and that will certainly influence the learning of children, regardless of their age group.

Keywords: education, music, pre-school education, education through music

A música como instrumento de trabalho de conteúdos das orientações curriculares da educação pré-escolar

A educação, hoje em dia, é vista por uma grande parte das crianças como uma tarefa que têm de cumprir pois os seus pais afirmam ser essencial para o futuro. Neste sentido, muitas vezes, a desmotivação e a dificuldade nas aprendizagens são fatores frequentes em salas de crianças no período da infância. Partindo deste pressuposto, parece pertinente encontrar estratégias que envolvam a criança e a incentivem, ou seja, defende-se que o docente deve inquietar-se e assim encontrar soluções para combater estas situações. Neste sentido, considera-se fundamental encontrar estratégias que contribuam para um maior sucesso escolar.

O jogo e o lúdico são aspetos fundamentais na infância, fazendo parte da forma como as crianças vivem e experimentam o mundo, como parte integrante de uma forma de aprender que torna o processo de aprendizagem mais significativo e por isso mais positivo “Como é sabido, bem o prazer e a brincadeira fazem parte e contribuem claramente para o desenvolvimento das crianças” (Cortesão, 2016, p. 3)

Defende-se aqui a perspetiva de que a música, como instrumento de trabalho de conteúdos das orientações curriculares na Educação Pré-Escolar, pode ser um excelente instrumento para diminuir não só os insucessos a nível de aprendizagens, mas também entraves a nível social, pessoal e emocional, dado que esta desenvolve distintas potencialidades. Assim sendo, surgiu a questão: De que forma a música pode funcionar como instrumento de trabalho de conteúdos das orientações curriculares da educação pré-escolar?

É necessária, no entanto, ter consciência de que utilizar a música como estratégia de intervenção educativa pode não ser a melhor opção para todos os momentos e para todas as crianças. No entanto, acredita-se que esta é a mais apropriada em certas situações e para determinadas crianças que possam ter dificuldades em construir conhecimentos através de outras formas. Defende-se aqui que a aprendizagem deve ser sempre um processo adequado a cada criança respeitando as suas necessidades e interesses particulares.

Opções metodológicas (dimensão da investigação)

No presente ponto apresentar-se o quadro metodológico, clarificando as opções metodológicas que auxiliaram neste processo de investigação.

Quanto ao contexto da investigação, esta foi realizada numa sala da valência de EPE¹, isto é, as crianças que foram alvo de investigação pertencem, no primeiro ano da investigação, a uma sala com crianças de quatro anos e, no segundo ano, já a uma sala de cinco anos, uma vez que o grupo de crianças é sempre o mesmo. Desta forma, os participantes da investigação, em primeiro lugar serão as crianças, juntamente com o investigador e com o docente responsável pela sala.

No que respeita ao método de investigação, optou-se pelo recurso a um método de análise intensiva, fazendo-se um estudo de caso longitudinal. Bell clarifica o estudo de caso como sendo um método “(...) especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo” (Bell, 1997, p. 22). Referir, também, que o caso de estudo se molda como longitudinal pois foi realizado num prazo aproximado de dois anos. À vista disto, empregou-se um método qualitativo, pois, como Lessard-Hébert, Goyette e Boutin defendem “(...) a investigação qualitativa tem como objectivo a compreensão do significado ou da interpretação dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência e de modo implícito, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que manifestam” (Goyette, Boutin, & Lessard-Hébert, 2005, p. 37).

As técnicas de recolha foram, na sua generalidade, estruturadas, não documentais e de observação direta participante, contudo, também foi necessário recorrer a técnicas documentais. Denzim refere-se à observação participante como “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental (...), a participação e a observação direta e a introspecção” (Denzim, 1978 citado por Ludke & André, 1986, p.28) .

A investigação no primeiro ano decorreu na valência de Educação de Infância, mais especificamente numa sala constituída por 24 crianças com quatro anos. No decorrer da observação participante, surgiu a necessidade de realizar registos que ajudassem a perceber as características do grupo a nível das competências e aprendizagens. Deste modo, partiu-se para uma observação não participante, onde foram utilizadas diversas técnicas de recolha de

¹ Educação Pré-Escolar

informação tais como listas de verificação, escalas de estimação, registos de observação e entrevistas.

As entrevistas realizadas foram duas, com diferentes objetivos e a públicos bem distintos.

Uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, (...) com o objectivo de obter informações (...). (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). Mesmo quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135).

Uma das entrevistas foi realizada em grupo com as crianças e a outra foi exclusiva à educadora deste mesmo grupo de crianças.

Como se acredita que “O recurso à análise de conteúdo, para tirar partido de um material dito “qualitativo” é indispensável” (Bardin, 2011, p. 89), após serem realizados os registos identificados anteriormente, estes foram sujeitos a uma análise de conteúdo

Procedimentos

No contexto da prática profissional na valência de jardim de infância percebeu-se a importância e mesmo a necessidade de observação e reflexão para o desenvolvimento de um trabalho significativo. “A observação é um processo que requer agudeza de sentidos, atenção voluntária e, sobretudo, um esforço mental assimilador dos dados recebidos, para que a impressão fotográfica seja nítida e rica de matizes” (Diez, 1989, p. 23), esta concretizada de um modo crítico e atento acarreta consigo vantagens não só para quem observa, mas também para aqueles que são observados. É através da observação que o educador e o professor são capazes de captar informação relativa à criança, sendo esta referente aos seus interesses, às suas motivações, necessidades e, claramente, sobre o seu desenvolvimento. Depois deste processo de observação o docente está já apto para planificar atividades em que as crianças participem, tendo em conta, as suas particularidades e a sua motivação.

A observação realizada não decorreu sempre de igual modo, ou seja, surgiu a necessidade de procurar e observar a situação educativa e as crianças de diversas formas, fazendo uma triangulação de dados e procurando assegurar que a investigação não saísse distorcida. Por outros termos, durante um ano, foi realizada, de forma constante, uma observação participante, sendo que, num segundo ano, a mesma se desenvolveu de forma mais esporádica. Esta observação em profundidade, ao longo de quase dois anos, permitiu a descoberta dos interesses do grupo, das suas potencialidades e também da necessidade de desenvolver algumas

competências, sendo que estas se revelavam fundamentais para um bom desenvolvimento tanto a nível pessoal como a nível das aprendizagens que são esperadas para crianças desta faixa etária. Esta observação e posterior reflexão resultaram numa avaliação diagnóstica do grupo que permitiu identificar algumas dificuldades e perceber qual o tipo de estratégias de intervenção que resultariam no mesmo. Claramente, tal como se afirmou anteriormente, surgiu a necessidade, em alguns momentos, de fazer outro tipo de observação, nomeadamente a observação não participante. “Os métodos de observação não participante apresentam, por seu lado, perfis muito diferentes, sendo o seu único ponto comum o facto de o investigador não participar na vida do grupo, que, portanto, observa “do exterior” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 198). Optou-se por esta observação nos momentos em que foi necessário recorrer a técnicas de recolha de informação, para que se fosse possível garantir que os resultados não sofressem influência, deste modo, o investigador comportou-se como um indivíduo exterior ao grupo.

Ainda assim, existem vários autores que questionam a participação dos investigadores no contexto em que o fazem.

Até que ponto e de que forma os investigadores devem participar nas actividades da instituição? Gold (1958) discutiu uma gama de papéis possíveis que os observadores podem desempenhar. Num dos extremos situa-se o observador completo. Neste caso, o investigador não participa em nenhuma das actividades do local onde decorre o estudo. (...) No extremo oposto, situa-se o observador que tem um envolvimento completo com a instituição, existindo apenas uma pequena diferença discernível entre os seus comportamentos e os do sujeito. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 125)

O papel enquanto investigadora neste trabalho acontece exactamente nos dois extremos referidos pelos autores e, ainda assim, conseguem-se identificar vantagens. Ao longo de todo o processo investigativo havia um envolvimento completo com o grupo e com as suas actividades, o que se defende ser uma mais-valia, pois permitiu o profundo conhecimento do grupo, das suas competências, dos seus interesses, das suas dificuldades e das suas motivações. Por outro lado, no momento de recorrer a técnicas de observação não participante, também se procurou ter uma capacidade de afastamento, ou seja, procurando atuar como se fosse um sujeito extrínseco à sala, sendo o mais imparcial possível com o que havia a registar.

As competências referidas previamente e identificadas no início do ano letivo, através de uma avaliação diagnóstica, foram a diminuta capacidade de cooperação, dificuldade de trabalho em equipa, dificuldade no controlo das emoções e sentimentos, pouca capacidade de comunicação

entre as crianças, entre criança e adulto e também entre a criança e o grupo e, ainda, a capacidade de dramatização.

A fim de trabalhar estas dificuldades, percebeu-se que poderia ser interessante fazer um trabalho específico, focado nas crianças e com estratégias atrativas que facilitassem o interesse e o envolvimento do grupo. É sabido que

Um projeto em que a criança se envolva, em que se implique afetivamente e se sinta estimulada, pode representar uma estratégia particularmente fecunda para o desenvolvimento saudável e a para a felicidade da criança. O prazer e o lúdico são ingredientes essenciais para que o processo de aprendizagem decorra com verdadeiro significado para as crianças. (Cortesão, 2014).

Ora aqui podemos encontrar novamente uma vantagem do envolvimento do investigador, isto é, apenas com uma presença e intervenção constantes foi possível perceber quais as estratégias que este grupo consideraria atrativas, dado que se conhece cada criança e se é capaz de caracterizá-la quanto às suas motivações, dificuldades, anseios, medos e, essencialmente, quanto às suas aprendizagens.

Apresentação e discussão dos dados da investigação, resultantes da intervenção educativa

1. Caracterização do grupo no início da investigação

De acordo com os dados recolhidos, foi possível perceber que no início deste projeto de investigação o grupo apresentava pouca capacidade de cooperação em atividade de sala, assim como pouca capacidade de colaboração quando era necessário dialogar para atingirem um acordo.

2. O projeto de intervenção

2.1 O primeiro ano do projeto

Posteriormente a esta primeira análise, deu-se início à ação da intervenção da música enquanto estratégia de intervenção educativa. Assim sendo, concretizamos uma sessão de expressão musical com o material pedagógico Orquestra do Pautas (Gomes & Luís Matos, S/d) com a duração de aproximadamente 40 minutos. Salientar também que, numa assembleia anterior, o grupo tinha sugerido a realização de uma atividade de expressão musical. Antes de começar a sessão, o grupo foi questionado sobre o seu interesse em manusear e tocar instrumentos e em realizar atividades musicais, afirmando gostar e revelando entusiasmo.

A sessão começou com a escuta da música “A magia da noite e do dia” da Orquestra do Pautas (Gomes & Luís Matos, S/d) inserida no estilo Bossa Nova. Seguidamente, as crianças levantaram-se e movimentaram-se ao som da mesma música do modo que desejaram.

Posteriormente, sempre ao som de música, organizou-se uma roda e foi proposto que continuassem a movimentar-se, mas batendo palmas consoante o ritmo da música. Numa fase seguinte, dado que a maioria do grupo já conseguia seguir a pulsação da música com as palmas, prosseguiu-se com a percussão corporal, batendo palmas e batendo com as mãos nas pernas. Após já realizar esta última exigência de modo satisfatório, foi pedido ao grupo que se sentasse, também em roda, e continuasse a realizar o mesmo exercício de percussão corporal, sendo que o adulto colocou em frente de cada criança um instrumento de percussão simples, também estes elementos do material pedagógico Orquestra do Pautas (Gomes & Luís Matos, S/d). Para avançar na dinâmica, foi pedido às crianças que tocassem o instrumento com o ritmo da música depois de verificarem o exemplo do adulto. Após uma pausa, em conjunto, tentou-se descobrir o nome de todos os instrumentos e a que classe estes pertenciam. Percebidos estes aspetos, as crianças tiveram a oportunidade de tocar em grupos mais pequenos definidos consoante a classe dos instrumentos (madeira, metal, madeira e metal). Para terminar, jogaram um jogo com os instrumentos, onde as crianças tinham que passar o instrumento e receber outro sem se ouvir qualquer tipo de ruído, ou seja, através deste simples exercício final valorizou-se o silêncio e desenvolveu-se a capacidade de concentração. Com toda a atividade realizada, em jeito de introdução à intervenção pedagógica musical, concluímos que o grupo é capaz de se motivar com atividades musicais e, assim sendo, o recurso à música para desenvolvimento das competências de cooperação e colaboração mostrou-se como uma excelente estratégia.

Quase a concluir o ano letivo e antes de o grupo de crianças se ausentar para um período de férias, solicitou-se a cada elemento que desenhasse o que mais atrativo era para si na escola e, posteriormente, descrevesse ao adulto o que desenhou a fim de também este concluir qual o olhar as crianças têm sobre o jardim de infância, tendo em conta os materiais, as áreas da sala ou até mesmo as relações com os demais.

Das 20 crianças presentes apenas 15 referiram colegas, esta situação leva a crer que a valorização da relação com os outros, brincar em conjunto e até mesmo trabalhar em equipa, regra geral, não era primordial para este grupo.

Ainda no mesmo período, a fim de perceber o que as crianças entendiam por trabalhar em equipa e aspetos inerentes, realizou-se uma entrevista coletiva ao grupo de crianças. Através da análise deste instrumento de recolha de dados, constatou-se que a maioria das crianças participou nas respostas, embora algumas delas o tenham realizado em conjunto e, neste sentido, estas respostas são identificadas na entrevista como respondidas em “coro”.

Reconhece-se que o grupo é capaz de esclarecer o que é trabalhar em equipa e ainda expõe exemplos de práticas realizadas desta forma. Quando questionadas sobre o gosto de trabalhar de modo individual ou em equipa, foi surpreendente o facto de apenas três das vinte e quatro crianças preferirem trabalhar individualmente. No que se refere à dificuldade deste trabalho cooperativo, o grupo conclui que é acrescida, exemplificando com situações concretas que muitas vezes são um entrave. Ainda assim, a maioria das crianças considera divertido trabalhar em colaboração com os colegas. Ora, infere-se que apesar do grupo revelar dificuldades no trabalho em equipa, estes são capazes de o definir, de perceber as contrariedades e, em contrapartida, os seus benefícios.

2.2 Segundo ano do projeto

A investigação foi retomada no ano letivo seguinte, sendo que naquele momento as crianças já se encontravam na sala dos 5 anos, tendo em consideração a valência de EPE. Iniciaram-se os registos nesta sala com um instrumento que pretendia perceber a situação atual do grupo, naturalmente uma entrevista à educadora.

Esta foi realizada três meses após o começo do ano de escolaridade, de forma a permitir que também a responsável pela sala tenha conseguido observar o grupo e, deste modo, tornar o seu testemunho mais preciso e próximo da realidade, contribuindo assim para uma investigação clara e concisa. Durante a análise do conteúdo da entrevista concluímos que a educadora identifica, no seu grupo, como capacidade menos desenvolvida, exatamente, o espírito de grupo, explicitando claramente que no ano corrente rivalizam mais, de modo quase a realizar comparações. No entanto, é de notar que educadora titular considerava próprio da idade e da maturidade desta faixa etária esta característica do grupo. Outro aspeto curioso a referir é que a educadora assumia valorizar atividades musicais, contudo, considerava que as planifica em reduzida quantidade, descrevendo mesmo que a planificação nesse domínio acontecia uma vez por semana e, por vezes, nenhuma por semana. Enquanto investigadora, parece correto interrogar se estes dois factos podem ou não manter uma relação dependente.

Considerando que a capacidade de comunicação está sinalizada, previamente, como uma das menos desenvolvidas no grupo, a investigação foi conduzida a fim de perceber como se encontrava a mesma neste segundo ano de investigação. Neste seguimento, observaram-se dois momentos durante os quais as crianças poderiam demonstrar ter desenvolvido ou não esta competência. A primeira observação, registada através do recurso a checklists, acontece numa atividade em que a educadora solicita a resposta a cada uma das crianças, ainda assim, três crianças não expressam a sua vontade.

A segunda observação ocorreu durante a rotina do acolhimento e verificamos não só as crianças que comunicaram, mas também com quem o fizeram. Conseguimos concluir que das 21 crianças presentes apenas 8 dialogaram com outra criança, 7 com o grupo e 4 com um dos adultos presentes na sala. De ressaltar que as crianças que comunicaram com outras crianças são, na maioria dos casos, as que efetivamente também comunicaram com o grupo ou com o adulto, assim sendo, esta contabilização revela que um considerável número de crianças não participou nesta rotina onde a expressão há espaço para se expressarem e comunicarem como quiserem e com quem quiserem.

Tendo-se considerado que, após diversas observações e consequentes registos, ainda existia muito trabalho a fazer, voltaram-se a planificar duas atividades musicais, sendo que a capacidade de trabalhar em equipa era fundamental em ambas as atividades.

Na primeira, com as crianças organizadas em pequenos grupos, os elementos foram convidados a pensarem em canções, negociarem a escolha colaborativa de uma e, seguidamente, decidirem gestos para que, desta forma, os colegas pudessem adivinhar a canção apenas através da mímica.

Como resultado do registo de observação, depreendendo-se que, ao nível do diálogo entre os elementos dos grupos, os resultados são positivos, devido a todas as crianças revelarem esta capacidade. A concordância com o grupo não foi tão conseguida, ainda assim 14 dos 21 presentes conseguiu concordar com os demais. O interesse individual que cada criança conferiu à atividade somente foi demonstrado por 14 elementos do grupo. Ora, parece ser possível afirmar que estes são dos melhores resultados conseguidos desde o princípio da investigação. Poderá a atividade de cariz musical ter influenciado o comportamento das crianças e consequentemente os resultados?

A segunda atividade, decorrida no mesmo dia da supramencionada, também esta de cariz musical e com necessidade de trabalho conjunto e cooperativo, consistia na realização de um circuito. Concretamente, um dos elementos do grupo estava vendado e os restantes deveriam indicar o caminho para o objetivo final através do som dos instrumentos de percussão que tinham para tocar e do código previamente estabelecido. O registo realizado baseou-se na capacidade de organização em equipa, na capacidade de confiança em equipa e na capacidade de decisão em equipa, sendo que esta decisão só poderia ser verificada na parte inicial da atividade, pois prendia-se com a escolha dos instrumentos e do elemento a ser vendado.

Embora a escala de verificação fosse exclusivamente uma para as três verificações a registar, revelou-se preferível converter os dados em separado. Quanto à questão da organização constatou-se que 10 crianças se organizaram em equipa de modo satisfatório, 6 de forma boa, 4 de maneira insuficiente e apenas 1 muito boa.

Quanto à confiança depositada no grupo, verificamos que mais de metade das crianças confia suficientemente e apenas uma não confia.

O último ponto observado prendeu-se com a capacidade de decisão na atividade. À semelhança da capacidade de confiança, mais de metade do grupo revela esta capacidade de modo mediano contudo ainda 3 crianças não demonstraram esta capacidade perante as decisões necessárias.

Com o decorrer do segundo ano de investigação a educadora continuou a rotina habitual da sala e, a pedido da investigadora, nos meses de março e abril de 2017, a educadora planificou entre duas a três atividades musicais semanais. Esta prática mais intensiva a nível musical pretendia concluir, num período seguinte, se a música realmente poderia ou não ser uma influência, isto é, verificar-se como estratégia de intervenção pedagógica. Segundo breve testemunho informal da educadora, as crianças foram revelando motivação a cada nova atividade musical e maior facilidade de realização das mesmas.

Após contacto com maior número de atividades musicais, chegou o momento de perceber os frutos conseguidos com a intervenção aplicada. Desta forma, no início do mês de maio, as crianças participaram em atividades musicais, previamente selecionadas, tendo em conta os critérios a ter em atenção, onde se encontraram em momento de observação. Por outros termos, é neste período que as últimas observações são registadas no sentido de perceber de que forma as competências do grupo trabalhadas tinham ou não sofrido algum tipo de desenvolvimento.

No primeiro dia de investigações, com a atividade “Família dos Instrumentos”, constatamos que a capacidade de cooperação, especificamente o sentido colaborativo no decorrer da atividade, está presente em 21 das 23 crianças presentes.

Relativamente à capacidade de expressão observada na atividade, em concreto a exequibilidade de estabelecer o seu ponto de vista, aferimos que 18 crianças expressaram o seu ponto de vista e 5 não foram capazes de tal ação, tendo em conta os 23 presentes.

A capacidade de interesse individual em melhorar o trabalho de equipa foi um dos critérios a verificar, desta forma, através de uma escala de verificação compreendemos que 15 crianças possuem esta capacidade num nível bom, 4 de modo satisfatório e apenas 3 a revelam como

muito boa. Salientar ainda que 1 criança não foi observada e outra demonstrou insuficiência nesta capacidade.

Por fim, nesta atividade, focamos a atenção na capacidade de concordância de cada um dos observados. A partir da escala de verificação realizada averiguamos que 15 crianças concordam com o grupo num nível bom, 7 revelam esta capacidade de forma suficiente e apenas 1 de modo insuficiente, tendo em conta as 23 crianças em sala.

A segunda atividade do dia 9 de maio intitulava-se como “Som dos Animais” e observou-se também através de uma escala de verificação. Os critérios são distintos dos presentes na atividade anterior, ainda assim, até ao final da semana de investigação, tornam a repetir-se. Primeiramente, registou-se a capacidade de confiança em equipa e notou-se que 11 crianças confiam suficientemente na sua equipa, 9 demonstram esta competência de modo bom e apenas 3 confiam num nível muito bom. Referir que uma criança esteve ausente.

Numa segunda estância, observou-se a capacidade de organização em equipa e constatou-se que 12 crianças organizam-se a um nível suficiente, 7 crianças num modo bom e apenas 4 se organizam muito bem das 23 presentes.

Ainda na mesma atividade, recorreu-se a uma lista de verificação a fim de considerar um novo critério, embora com duas vertentes: capacidade de estabelecer diálogo a fim de tomar decisões e com o intuito de atingir um consenso. Quanto ao primeiro critério referido, verificamos que 15 dos 23 presentes estabeleceu diálogo com muita facilidade, 7 dialogaram com facilidade e apenas 1 dialogou com dificuldade.

Relativamente à capacidade de estabelecer diálogo para atingir um consenso, percebemos que 13 crianças dialogaram a fim de atingir consenso com muita facilidade, 9 dialogaram com facilidade, apenas 1 com dificuldade e também 1 das crianças esteve ausente.

O segundo dia de investigações conclusivas contou com duas atividades musicais, uma designada como “Cartas Instrumentais” e outra como “Mexo um Dedo”. Na primeira atividade referida, observou-se a capacidade de cooperação ao longo da atividade e apurou-se que todas as crianças presentes conseguiram cooperar.

Verificou-se ainda que a capacidade de expressão não tem tanto sucesso como a anterior, contudo mais de metade do grupo mostrou-se capaz de estabelecer o seu ponto de vista. Apenas 7 crianças não revelaram esta capacidade e 1 criança esteve ausente.

Para terminar a análise da atividade “Cartas Musicais”, averiguou-se a capacidade de comunicação criança – criança. Concluímos que 22 crianças comunicaram com outra criança, apenas 1 não comunicou e 1 não esteve presente.

A atividade “Mexo um dedo” começou com a leitura de uma história e a sua exploração, contudo os registos apresentados referem-se apenas à componente musical da atividade. Deste modo, a partir de uma escala de verificação, voltaram-se a observar competências anteriormente alvo de registo. Constatamos que 11 crianças revelam de modo suficiente a capacidade de confiança em equipa, 9 num nível bom, somente 3 de modo muito bom e 1 criança de forma insuficiente dos 24 presentes.

Quanto à capacidade de organização em equipa apuramos facilmente que 17 crianças se organizam bem e apenas 7 de modo suficiente.

Em jeito de término do processo de recolha de dados, realizou-se no último dia desta intervenção uma atividade semelhante àquela que havia sido executada um ano antes no começo da prática musical com intencionalidade. A atividade possuía também como suporte o material Orquestra do Pautas (Gomes & Luís Matos, S/d), tendo sido selecionada uma música, a partir da qual se explorou, primeiramente, a percussão corporal, de seguida os ritmos e, por fim, os instrumentos. De modo entusiasta, as crianças pediram a concretização do jogo do silêncio realizado em maio de 2016 na atividade idêntica à do momento. Com a presente atividade, concluiu-se positivamente que as todas as 24 crianças demonstraram capacidade de cooperação no decorrer da atividade, 22 expressaram o seu ponto de vista e 18 estabeleceram comunicação com pelo menos uma das crianças presentes.

Ainda na mesma atividade, com o auxílio de uma escala de verificação, averiguou-se a capacidade de confiança em equipa de modo bom em 20 crianças e apenas de modo suficiente em 4.

Quanto à organização em equipa, 11 crianças organizam-se bem, 10 crianças de modo suficiente e apenas 3 de modo muito bom.

Objetivos da investigação versus resultados

Valorizando o grande objetivo da investigação – perceber se a música poderá ou não resultar enquanto estratégia de intervenção pedagógica – chega o momento de rever os dados analisados e, desta forma, concluir os resultados, perante a dificuldade a solucionar no grupo em questão – a dificuldade em trabalhar equipa e de forma cooperativa.

De modo muito claro, constatamos que imediatamente no início da investigação mais de metade das crianças não possuía sequer de modo razoável a capacidade de cooperação. Ao avançarmos com o projeto de intervenção, no qual promovemos diversas atividades musicais, valorizando esta expressão como instrumento de intervenção educativa, verificamos, através de uma atividade não musical analisada, que novamente mais de metade do grupo não mencionava os colegas como elemento relevante para o desenvolvimento do gosto em frequentar o jardim de infância. Para procurar triangular estes dados, optou-se por realizar uma entrevista ao grupo no sentido de perceber o seu conceito de espírito de equipa – o que havíamos identificado como uma necessidade a desenvolver. Este instrumento de recolha de dados permitiu-nos concluir que o grupo tinha consciência do que era trabalhar em equipa, chegando até a recorrer a exemplos da sua prática quotidiana.

O segundo ano de projeto começa com uma entrevista à educadora da sala, a fim de se perceber a situação do grupo, tendo em conta o que já havia sido observado e explorado. Esta entrevista é realizada após três meses do início do ano letivo para que também a educadora possuísse tempo para tirar as suas conclusões. Após a análise deste instrumento de recolha de dados, verificamos que o espírito de grupo continuava em carência e de modo mais preocupante no sentido em que, no momento, as crianças rivalizavam e realizavam comparações entre si. Posteriormente, e tendo em conta que tínhamos observado a capacidade de expressão, uma vez que também ela pode ser influenciadora no espírito de grupo, voltamos o nosso olhar para essa competência novamente. Assim sendo, concluímos que os resultados revelaram-se positivos, visto que a grande maioria do grupo foi capaz de se expressar e este diálogo acontecia distintamente, alguns com colegas, outros com o grupo e até mesmo com os adultos.

As atividades musicais pensadas e planificadas voltam à prática e com estas dá-se a continuidade de observação, onde constatamos que mais de metade das crianças concordaram com o grupo, revelando interesse nas atividades, e todas as crianças presentes conseguiram dialogar com o grupo. Averiguamos, também, que a confiança, a organização e a decisão do trabalho em equipa permanece de um modo suficiente ou acima deste na maioria dos elementos do grupo.

A prática da educadora, quanto à planificação de atividades musicais, começa a ser intensiva nos dois últimos meses de investigação e eis que chega o momento das observações conclusivas, fruto de um trabalho de praticamente dois anos letivos.

Finalmente, concluímos que a cooperação, observada em três momentos, primeiramente, está presente em 91% das crianças e, nos dois seguintes, atinge o valor de 100%, isto é todas as crianças presentes revelaram ser capazes de cooperar com os demais. Verificamos, também em três atividades, que a confiança em equipa é conseguida por todo o grupo de um modo satisfatório, chegando em alguns casos a ser considerado bom. Ou seja, esta componente atinge os 100%. A organização em equipa, também analisada em três situações distintas revela-se uma capacidade adquirida, dado que 100% das crianças consegue cumpri-la de um modo suficiente, conseguindo na última atividade ser atingida num nível muito bom por uma pequena parte do grupo. Os sete indicadores destinados à verificação da capacidade de expressão, nas suas variadas vertentes, mostram que mais de 70% das crianças são capazes de se expressar, seja para partilhar o seu ponto de vista ou para comunicar com outro colega do grupo. Salientar que a percentagem mais baixa foi 70%, contudo a média de percentagem das sete atividades atinge um valor de 86%. Conseguiu-se, ainda, atestar que 91% das crianças manifesta interesse individual de um modo satisfatório e 78% exterioriza confiança em equipa também de um modo suficiente.

Reapreciando este último parágrafo, é possível afirmar que os resultados são efetivamente progressivamente mais positivos ao compararmos com os números do primeiro ano do projeto. Cada criança foi capaz de alterar o seu comportamento aquando do trabalho em equipa e, desta forma, acreditamos que a música poderá afirmar-se em situações como esta como uma excelente estratégia de intervenção pedagógica.

Considerações finais

Defende-se como necessário que cada docente tenha consciência da sua missão e, assim sendo, valorize a sua profissão, levando em consideração que esta é “uma profissão exigente em relação à qualidade do seu desempenho” e “que assume a responsabilidade de dar rosto ao futuro” (Baptista, 2005, p. 113). É nesta linha de pensamento, onde se clarifica a relevância da mudança nas salas de atividade e de aula da atualidade, que a música pode ser olhada com maior interesse, dado que oferece muito mais do que aquilo a que a sociedade, e até mesmo o corpo docente das instituições de ensino, está habituada. Salientar que a mudança supramencionada se prende com a importância de o professor ser capaz de olhar cada indivíduo do seu grupo e, desta forma, valorizar a individualidade de cada um, adequando a sua intervenção educativa à forma de aprender de cada criança.

Ensinar através da música poderá apresentar-se como sugestão para a transformação, no sentido em que esta acarreta consigo vantagens que influenciarão a aprendizagem das crianças, independentemente da sua faixa etária. A educação pela música revelou-se, ao longo do presente estudo de caso, uma estratégia de intervenção pedagógica interessante, não somente porque os autores nos legaram os seus testemunhos, mas também pelos resultados obtidos através desta investigação, aplicação de atividades musicais e consecutivos resultados alcançados pela investigadora.

Quanto ao trabalho investigativo desenvolvido, podemos afirmar que ficou clara a alteração de comportamento das crianças do grupo relativamente ao espírito de equipa e tudo que esta capacidade envolve. Se a música foi a única componente influenciadora? É possível que não, até porque o grupo se encontrava no segundo ano, com mais um ano de idade, contudo, o facto de não ter existido outro trabalho específico realizado com o grupo, permite afirmar-se que esta intervenção, pensada e repensada, teve o seu valor e os seus frutos. Se no início deste trabalho o grupo apresentava grandes dificuldades em trabalhar em equipa, neste momento verifica-se que essas dificuldades foram ultrapassadas e praticamente todas as crianças do grupo são capazes de participar em atividades com essa intencionalidade e trabalhar em equipa, de modo cooperativo e colaborativo.

Em jeito de término, ressaltar que as convicções iniciais da investigadora perdurarão no tempo, não só pela experiência e ensinamentos alcançados com a elaboração deste longo trabalho, mas também pela vontade acrescida de voltar a experienciar a música enquanto estratégia de intervenção pedagógica.

Referências Bibliográficas

- Azevedo, C. A., & Azevedo, A. G. (1994). *Metodologia Científica*. Porto: C. Azevedo.
- Azevedo, M. (2009). A Música mesmo no meio da Escola. *Saber & Educar*, (14).
- Azizinezhad, M., Hashemi, M., & Darvishi, S. (2013). Music is na education-related service to promote learning and skills acquisition. pp. 142-145.
- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições, Lda.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Contéudo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Cortesão, I. (2016). *A Música no Jardim de Infância: uma proposta de desenho curricular*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

- Educação, M. d. (2007). *Educação e Formação em Portugal*. Ministério da Educação .
- Gomes, F. P., & Luís Matos. (s/d). *Estilos musicais e ritmos modernos. 3: Techno, Reggae, Bossa Nova*. Santa Comba Dão: Edições Convite à Música.
- Gomes, J. F. (1986). *A Educação Infantil em Portugal* . Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica .
- Goyette, G., Boutin, G., & Lessard-Hébert, M. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Instituto Nacional de Estatística. (2014). *Anuário Estatístico de Portugal 2013*.
- Kelete, J.-M., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas, e de estudos de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ludke, M. A., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação : abordagens qualitativas* . São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- Ministério da Educação. (2000). *A Educação Pré-Escolar e os cuidados para a infância em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2011). Circular n.º: 4 /DGIDC/DSDC/2011. Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Parente, C. (s/d). *Observar e Escutar na Creche: para aprender sobre a criança*. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade Social.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (2003). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. (1991). *Avaliação das Aprendizagens*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na Educação* (Vol. 3º Volume Música e Artes Plásticas). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vol. 1º Volume Bases Psicopedagógicas). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, M. J. (Agosto de 2008). Práticas de Avaliação Alternativa em Educação de Infância. *Cadernos de Educação de Infância*, pp. 18-21.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação Em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.